

RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE NOS ESTADOS UNIDOS: VERTENTES LIBERAIS E CONSERVADORAS EM DEBATE

Maria Cruz Ferraz¹

Resumo: Os movimentos de contracultura da década de 60 mudaram significativamente a realidade dos Estados Unidos. A segunda onda do movimento feminista, o movimento por direitos civis de negros e negras, a luta por liberdade sexual e o Movimento de Liberação Gay, em um contexto de Guerra Fria, levaram os setores mais conservadores da sociedade norte-americana a acreditarem que a nação havia se desviado do seu pacto com Deus e que o fim dos tempos estava próximo. Em contraposição, outros setores decidiram apoiar as demandas dos Movimentos de Gays e Lésbicas e buscaram reinterpretar as passagens bíblicas criando as Teologias Homossexual, Gay e Queer. O estudo tem como objetivo analisar o posicionamento de diversas igrejas protestantes dos Estados Unidos acerca da homossexualidade e do movimento LGBT. Partindo de meados da década de 60, quando nasce o Movimento de Liberação Gay, até os dias de hoje, o artigo busca mostrar o desenvolvimento histórico de vertentes teológicas progressistas e conservadoras que fazem parte do cenário religioso nos Estados Unidos. Através da análise dessa teologia progressista e dos discursos de importantes líderes religiosos como Jerry Falwell, Pat Robertson, James Dobson, entre outros, é possível traçar a importância da religião para a sociedade civil e para a política. A virada conservadora da década de 70 cria um importante grupo de nova direita cristã e amplia a participação desse setor na política nacional. O debate sobre a laicidade do Estado, a garantia do casamento entre pessoas do mesmo sexo, o aborto e a legalização das drogas coloca em embate direto os grupos progressistas herdeiros da década de 60 e seguidores do conservadorismo da década de 70. O trabalho visa, portanto, criar uma análise sobre sociedade, política e religião nos Estados Unidos buscando, principalmente, o estudo da inserção da religião nos debates que cercam a questão da homossexualidade.

Palavras-chave: Protestantismo, Estados Unidos, Homossexualidade, Fundamentalismo.

Introdução

Em fins do século XIX e início do século XX, descobertas nos estudos científicos sobre a sexualidade humana *explicaram* o caráter desviante da relação entre pessoas do mesmo sexo. O termo *homossexual* passou a ser utilizado e uma nova abordagem, não mais religiosa, mas sim científica, definiu o *homossexualismo* como uma doença passível de cura. Um século depois, religiosos de diversas denominações ainda se utilizam desses argumentos e tentam relacionar com o posicionamento bíblico sobre a homossexualidade. Em contraposição, a emergência do Movimento de Liberação Gay no final dos anos 60 fez surgir também uma Teologia Gay e Queer, que buscou reinterpretar o papel da religião em relação à

1 Graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais.

homossexualidade e participar ativamente do movimento de inclusão e das lutas por direitos civis de gays e lésbicas no Estados Unidos.

O presente estudo tem como objetivo analisar os diversos discursos religiosos acerca da homossexualidade nos Estados Unidos, principalmente após 1969, quando a Revolta de Stonewall marca o início do Movimento de Liberação Gay. As fontes usadas são discursos e escritos de membros religiosos a partir da década de 60 até o início do século XXI. Ao longo do trabalho, procurei dialogar com estudos de teólogos, antropólogos, sociólogos e historiadores que abordam a questão da religião e da diversidade sexual. Um breve resumo da situação nos Estados Unidos antes da década de 60 também se faz necessário para explicar o contexto em que se desenvolveu o Movimento LGBT e, às vezes, buscarei exemplos no caso brasileiro para analisar melhor os discursos religiosos, considerando que tanto o Movimento LGBT brasileiro quanto muitas das religiões protestantes nascem da influência dos Estados Unidos.

O início do século XX e os Movimentos Homófilos

No início do século XX, importantes nomes da medicina e da psicanálise, como Freud, já haviam estudado o caso do interesse sexual entre pessoas do mesmo sexo. Para estes estudiosos, a homossexualidade seria uma patologia comportamental desenvolvida após o nascimento e que permitiria a cura se fosse bem tratada. Até então o termo utilizado para quem tinha essas determinadas práticas era *sodomita*, fazendo clara referência à passagem bíblica de Gênesis 19.¹ Com os estudos científicos sobre o tema, o termo mais utilizado passou a ser *homossexual* e a palavra *sodomita* caiu em desuso.

A mudança de termo garantiu a construção de uma certa identidade. O sodomita da Idade Média e do início do século XIX não *era* assim, apenas *estava* assim, realizando algumas práticas que poderiam colocá-lo momentaneamente como praticante de sodomia. A grande transformação de meados do século XX sobre o tema é a criação de uma identidade homossexual. A partir de então, eles e elas passaram a se reconhecer como tal e a se agruparem em lugares onde poderiam ter contato com semelhantes. Ainda que a ciência não reconhecesse a homossexualidade como natural, os homossexuais e as lésbicas já começavam a perceber o significado de assumir essa identidade e compreendiam que essa característica ia muito além de simples práticas homoeróticas.

Foi nesse contexto de uma organização dos homossexuais em meados dos anos 50 que surgiu o Movimento Homófilo nos Estados Unidos. Precursor do Movimento de Liberação Gay, o Movimento Homófilo surge em pequenas organizações, como a *Mattachine*

*Society*² e *Daughters of Bilitis*³, propondo a aceitação do homossexual, a inclusão e a descriminalização da homossexualidade. No mesmo período em que há o surgimento desses movimentos, surge também a Teologia Homossexual.

Do Movimento de Liberação Gay às organizações Queer

Os movimentos homófilos foram as primeiras organizações a lutarem por direitos para gays e lésbicas nos Estados Unidos. Contudo, eles perderam força e deixaram de existir como organização civil na década de 60. Em 28 de junho de 1969, gays, lésbicas, travestis e drag queens de Nova York estavam reunidos(as), como de costume, no bar Stonewall em Greenwich Village. A polícia bateu às portas do bar e a repressão começou com agressões e prisões. Em reação à violência policial, as pessoas que ali estavam agiram atirando objetos contra a polícia, resistindo à prisão e marchando em denúncia ao preconceito e ao desrespeito à comunidade LGBT⁴. (CASTELLS, 1999, 248)

O episódio, que ficou conhecido como *Revolta de Stonewall*, é amplamente utilizado pelo movimento LGBT como marco inicial do movimento gay nos Estados Unidos, mas é importante ressaltar que as organizações homófilas já lutavam por direitos de LGBTs desde décadas anteriores. Considerando que a História não é feita somente de grandes eventos e acontecimentos, é preciso analisar o processo do desenvolvimento das lutas LGBTs como algo que começa a ser construído já no início do século XX. A Revolta de Stonewall é importante por desencadear uma mobilização mais visível em Nova York, mas não pode ser considerada como o único fato histórico capaz de transformar radicalmente a mentalidade dentro do movimento de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Essa transformação se dá lentamente ao longo do século XX e o evento de 1969 é apenas um bom exemplo para evidenciar essa mudança.

A consolidação do Movimento de Liberação Gay se dá em um contexto de luta contra o racismo, pelo movimento por direitos civis de negros e negras, e da luta das mulheres a partir da segunda onda feminista. A contracultura se torna um campo fértil para o questionamento de padrões morais e conservadores. O movimento tem como pauta a inclusão do gay⁵ na sociedade, a liberdade sexual, a igualdade de direitos, a luta contra a homofobia e contra a violência ao gay. É nesse momento que surge a ideia das *paradas de orgulho gay* e ganha importância a ação de *assumir* a homossexualidade, o *coming out*⁶. Nesse período, as pesquisas científicas em torno da homossexualidade aumentam. Diversos dados científicos surgem e corroboram com os movimentos gays no que se refere à naturalidade da homossexualidade, à

impossibilidade de cura e a não existência de uma *opção sexual*, ou seja, a existência de uma *orientação sexual* que pode ser anterior ao nascimento.

Para além de Nova York, o movimento gay estava presente e ativo em diversas cidades dos Estados Unidos. A cidade de San Francisco, na Califórnia, passou a ser importante na luta pela liberdade para gays e lésbicas e, em 1977, o primeiro político homossexual do país foi eleito. Harvey Milk se tornou vereador da cidade e foi assassinado no ano seguinte por Dan White, um vereador conservador que se posicionava contra a tolerância aos *desvios sexuais* (CASTELLS, 1999, 252). Esse episódio é interessante para mostrar o embate sócio-político da década de 70 nos Estados Unidos. De um lado, a cidade de San Francisco se tornou alvo de migração de gays e lésbicas por representar uma das cidades mais liberais e abertas do país. Por outro, a crescente direita cristã ampliava seus discursos de intolerância e fomentava ações contra os movimentos progressistas surgidos na década de 60. Se os anos de 1960 foram considerados anos de decadência moral e um prenúncio do fim dos tempos para os fundamentalistas, os anos de 1970 marcaram o início da crise do Movimento de Liberação Gay e dos Movimentos Feministas, uma virada conservadora na política e críticas que vieram do seio dos movimentos de gays e de lésbicas alteraram as suas bases e culminaram com a sua transformação nas décadas de 80 e 90.

O surgimento da epidemia da AIDS e o questionamento dos padrões morais heteronormativos, na década de 80, vão marcar uma mudança na pauta dos movimentos LGBTs, dando origem, posteriormente, à *Teoria Queer*. Com o surto da AIDS, os homossexuais foram diretamente relacionados à doença: “La visibilidad del sida, desde sus inicios, se homosexualizó. Todo cuerpo con sida pasó a ser un cuerpo homossexual, o, en todo caso, un cuerpo desalmado (cuerpo de mujer, de drogadicto, cuerpo pobre, negro o de inmigrante).” (LLAMAS, 1995, p.179).

O aumento da marginalização dos homossexuais, com o advento da AIDS, criou a necessidade de uma mudança radical dos movimentos LGBTs. Era necessário combater o preconceito e buscar meios de lutar contra a doença. Nesse contexto, surge a *Aids Coalition to Unleash Power* (ACT UP)⁷, uma importante organização que reuniu diversos setores que sofriam com a AIDS e de ação política contra o preconceito, a exclusão e a ausência de políticas de saúde pública de prevenção e tratamento das pessoas soropositivas.

No que se refere a questões de gênero e de sexualidade, o diálogo com a Sociologia é necessário. Infelizmente, as pesquisas históricas sobre o tema são escassas e muitos historiadores ainda demonstram certa dificuldade em abordar temas do passado próximo ou atuais. Dessa forma, a Sociologia e a Antropologia nos fornecem uma base teórica importante

para compreender como se deu processo de mudança nos movimentos LGBTs. Richard Miskolci, sociólogo brasileiro, conclui:

A Aids, portanto, foi um catalizador biopolítico que gerou formas de resistência, mais astutas e radicais, materializadas no ACT UP, uma coalizão ligada à questão da Aids para atacar o poder, e no Queer Nation, de onde vem a palavra queer, a nação anormal, a nação esquisita, a nação bicha. (MISKOLCI, 2012, p.24)

A diferença entre a ação do governo brasileiro e a do governo dos Estados Unidos no que se refere à AIDS revelam contextos sócio-políticos diferentes. Enquanto o Brasil passa por um período de redemocratização e de aproximação com os movimentos sociais, os Estados Unidos tem Ronald Reagan na presidência e vivem em meio a uma virada conservadora. No Brasil, os movimentos LGBTs e o Estado ganharam certa proximidade a partir do combate à AIDS. Nos Estados Unidos, o governo não se mobilizou para ajudar na luta contra a doença:

(...) la reacción del gobierno estadounidense hacia la crisis fue prácticamente nula. El ultrarreaccionario mandato de Reagan, ocupado en extender el terrorismo a América Latina, Oriente Medio y Asia y en dismantelar el débil sistema social, no tomó ninguna iniciativa para paliar la enfermedad, y apoyó los intereses de los grandes grupos farmacéuticos en los primeros avances del tratamiento, que eran muy caros y sólo accesibles para una minoría con alto poder adquisitivo. (SÁEZ, 2005, p.68)

As palavras de Javier Sáez, sociólogo e militante do movimento LGBT espanhol, traduz o sentimento desses movimentos civis em relação ao governo Reagan. A falta de cooperação por parte do político conservador criou a necessidade de uma radicalização do movimento para que fosse possível combater a AIDS. Por isso, Miskolci fala de *catalizador biopolítico*. O contexto da epidemia promoveu a união de gays, lésbicas, prostitutas, travestis, transexuais, imigrantes latinas(os), negras(os), pobres soropositivos(as), enfim, toda a classe marginalizada, agrupada sobre o nomenclatura de *queer*.

Para além da crise social causada pela AIDS, o Movimento de Liberação Gay e o Movimento Feminista também entraram em decadência. A crise se deu por surgir setores LGBTs críticos à postura de marginalização de minorias negras, pobres, lésbicas e transexuais dentro do próprio Movimento Gay e Feminista. Sobre este movimento gay nascido na década de 60, Javier Sáez reproduz as críticas das organizações *queer*:

(...)produciéndose una especie de exclusión de “los anormales” a partir de este nuevo orden homosexual de gays varones, blancos, respetables, fielmente emparejados, de classe media, fascinados por la moda y ansiosos por entrar en el paraíso de la institución heterosexual por antonomasia: el matrimonio. (SÁEZ, 2005, p.72).

Richard Miskolci, em seu livro *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*, traça a comparação dos dois movimentos ao longo do Capítulo I:

(...) o movimento homossexual emerge marcado por valores de uma classe média letrada e branca, ávida por aceitação e até mesmo incorporação social. (...) [os] movimentos queer, se pautarão menos pela demanda de aceitação ou incorporação coletiva e focarão mais na crítica às exigências sociais, aos valores, às convenções culturais como forças autoritárias e preconceituosas. (MISKOLCI, 2012, p.25)

Centrados na crítica ao Movimento de Liberação Gay, responsável por reproduzir padrões morais heteronormativos e buscando a sua assimilação pela sociedade sem questioná-los, os militantes dos movimentos *Queer* surgem de um braço do feminismo. Na opinião dessas organizações, o feminismo nascido nos anos 60 não incorporava as demandas das mulheres negras, transexuais ou lésbicas, o movimento negro também não se direcionava a defender esses setores, bem como o movimento gay formado por uma “classe média letrada e branca” (MISKOLCI, 2012, p.25). É nesse contexto que surge nos Estados Unidos a *Queer Nation*⁸. Um grupo voltado para as vertentes esquecidas pelos movimentos sociais tradicionais, que busca não mais a assimilação do homossexual, mas uma mudança da sociedade no que se refere aos padrões morais e sexuais. Esse novo movimento não aceita a explicação binária de sexualidade⁹ e pensa, tanto a heterossexualidade como a homossexualidade, como passíveis de serem construídas socialmente.

A mudança dos movimentos sociais de uma perspectiva marxista¹⁰ dos anos 60 e 70 para uma visão sobre o papel da cultura na formação dos sujeitos se deu, principalmente, depois da publicação do livro *Vigiar e Punir*¹¹ de Michel Foucault. A obra serviu de inspiração intelectual para o nascimento da *Teoria Queer*. Em 1990, são lançados três livros inaugurais dessa teoria: *Problemas de Gênero* de Judith Butler, *Cem anos de homossexualidade* de David M. Halperin e *A epistemologia do armário* de Eve Kosofsky Sedwick. As publicações compilam uma série de estudos sobre a sexualidade e as questões de gênero e complementam a base teórica para os nascentes movimentos *queer*.

A breve discussão que foi feita sobre o desenvolvimento histórico dos movimentos LGBTs nos Estados Unidos serve de base para compreender o apoio e as críticas que setores liberais e conservadores das igrejas protestantes norte-americanas irão direcionar a esses grupos. Foi preciso, primeiramente, traçar o panorama social para agora desenvolver o estudo sobre as questões político-religiosas. Tanto as Teologias Homossexual, Gay e Queer quanto as

abordagens fundamentalistas dialogam diretamente com o contexto histórico e respondem a uma demanda que é, primeiramente, social.

Teologia homossexual, gay e queer

André S. Musskopf, em seu livro *Via(da)gens Teológicas*¹², trabalha o processo para o surgimento da teologia *queer* no Brasil. Em uma parte do livro, ele aborda mais especificamente o caso dos Estados Unidos e como se deu o surgimento das teologias homossexual, gay e queer. O seu livro será usado nesse trabalho como fonte principal para a compreensão dessas vertentes teológicas.

A proposta da Teologia Homossexual está inserida no contexto dos Movimentos Homófilos. Há o início de uma abordagem diferente sobre as passagens bíblicas no que se refere à questão da homossexualidade. André S. Musskopf usa da explicação de Robert Goss para definir o objetivo dessa corrente teológica:

(...)reconciliar a oposição das igrejas à homossexualidade e oferecer uma interpretação teológica da homossexualidade. Elas focalizaram em aconselhamento pastoral e inclusão do/a homossexual na vida da igreja; seu método foi de reunir informações psicológicas, bíblicas e históricas para construir um argumento para a inclusão de gays/lésbicas. (GOSS, 2012, p.240)¹³

Dessa forma, a Teologia Homossexual nasce da interação entre uma teologia mais liberal com as novas informações obtidas pela psicologia e pela medicina, buscando integrar o homossexual ao ambiente religioso. O viés inclusivo que estava presente na pauta dos Movimentos Homófilos também vai fazer parte dos ideais dessa corrente teológica.

A mudança de contexto sócio-político a partir da década de 70 vai influenciar uma transformação no campo teológico. Com a contracultura, os movimentos de liberação gay e a segunda onda feminista, novas vertentes surgem dentro da teologia com uma perspectiva não só voltada para a identidade gay e a sua assimilação, mas também para a sua experiência e opressão:

(...)enquanto uma teologia homossexual estava mais centrada no discurso médico, construindo uma identidade (self), uma teologia gay de cunho liberacionista vai centrar sua atenção na experiência destes sujeitos, com ênfase na situação de opressão e a necessidade de lutar pela libertação. (MUSSKOPF, 2008, p.136)

Para compreender a consolidação da Teologia Gay a partir das décadas de 80 e 90, é preciso entender não só o contexto do Movimento de Liberação Gay pós-Stonewall, mas também o surgimento de diversas outras correntes teológicas liberacionistas. A partir da

segunda onda feminista, começa a aparecer a Teologia Feminista e, com o movimento por direitos civis dos negros, a Teologia Negra norte-americana. Essas novas vertentes teológicas vão criar a metodologia e abrir um espaço para um debate mais liberal que irá permitir a formação da Teologia Gay. Agora voltada para o campo da opressão e de uma sociedade heterocentrada, os teólogos dessa corrente compreendem os gays como “bons cristãos” que acabam se voltando para uma vida de múltiplos parceiros sexuais devido à marginalização promovida pela sociedade patriarcal. Temas bíblicos passam a ser relidos pensando por uma perspectiva da experiência gay. Muitos teólogos buscam, inclusive, personagens gays na Bíblia, como é o caso dos Eunucos¹⁴.

A Teologia Gay, embora possua sensíveis diferenças em relação à Teologia Homossexual, manteve a sua linha assimilacionista e não deu conta das múltiplas identidades e sexualidades que ganharam voz, principalmente, a partir da década de 90. Bissexuais, transexuais, travestis e a complexidade das identidades de gênero não foram incorporadas(os) pelas questões teológicas liberacionistas de vertente gay ou lésbica. Em um contexto de crise dos movimentos sociais tradicionais, de epidemia da AIDS e das nascentes organizações *queer*, a Teologia Gay vai sofrer diversas críticas da academia e um novo campo de interpretações e estudos teológicos vai emergir: a Teologia *Queer*.

A emergência da Teologia *Queer* a partir da década de 90 vai se relacionar com uma reescrita das experiências LGBTs a partir de uma identidade que não é mais fixa e, sim, (re)construída socialmente. Essas experiências vão estar inseridas em um contexto religioso com relatos sexuais transgressores influenciados pelos movimentos *Queer*.

Emergiu, então, um discurso teológico que, a partir das histórias (narrativas) sexuais silenciadas e marginalizadas, transgride as fronteiras de um discurso (hetero ou homo)normativo, assumindo a descontinuidade do seu próprio discurso e a necessidade de constante revisão e reconstrução. É o que se pode chamar de uma teologia *queer*. (MUSSKOPF, 2008, p.158).

É interessante refletir em até que ponto é possível uma teologia *queer* que não rompe com os próprios ideais dos Movimentos *Queer*. Se compreendemos esses movimentos sociais como surgidos a partir de uma crítica a padrões morais e sociais, questionadores de uma sociedade patriarcal e heterocentrada, é inevitável não pensar em como a religião pode se inserir em um movimento *queer* sendo ela mesma, muitas vezes, parte de uma instituição responsável por coordenar padrões morais e repudiar transgressões. A questão que se coloca é: por mais transgressora que seja a Teologia *Queer* dentro das religiões, ela consegue atender às demandas ainda mais transgressoras de organizações com a *Queer Nation* ou a *ACT UP*? Um bom tema para pesquisas futuras seria como se deu a receptividade da Teologia *Queer* dentro

dos desses movimentos sociais, ou se seria possível essa receptividade dentro desses movimentos. Pensando que os *queer* se posicionam, muitas vezes, contra o casamento, qual seria a reação deles em relação às Igrejas Inclusivas que hoje realizam casamentos de gays e lésbicas em diversos países do mundo.

A proposta desse estudo não é elaborar respostas para esses questionamentos, apenas citar alguns conflitos que se colocam quando pensamos em uma interação entre religião e homossexualidade. Os discursos dos movimentos LGBTs sobre as vertentes conservadoras religiosas são bem claros e se posicionam o tempo todo contrários ao radicalismo religioso, mas cabe aqui a dúvida sobre como se dá a relação entre esses setores quando a religião tenta se integrar aos movimento LGBTs. Dessa forma, caminho para o fim da apresentação sobre as vertentes liberais que abordam a questão dos movimentos de gays, lésbicas, travestis, bissexuais e transexuais e começo a trabalhar sobre a outra perspectiva, a fundamentalista, que muitas vezes está mais presente nos discursos que vemos em rádio, televisão, internet, jornais e outros meios de comunicação em massa. O propósito até aqui foi mostrar que não existe apenas ala conservadora dentro da sociedade civil e das religiões e narrar o contexto histórico em que se desenvolveu muitas das organizações fundamentalistas a partir da década de 60.

A virada conservadora e a crítica aos grupos de LGBTs

Os movimentos de contracultura da década de 60 mudaram significativamente a realidade dos Estados Unidos a partir de então. A segunda onda do movimento feminista, o movimento por direitos civis dos negros, a luta por liberdade sexual e o Movimento de Liberação Gay, tudo isso em um contexto de Guerra Fria, levaram os setores mais conservadores da sociedade norte-americana a acreditarem que a grande nação americana havia se desviado do seu pacto com Deus e que o fim dos tempos estava próximo. Para os membros da corrente fundamentalista, a homossexualidade permanecia como uma abominação, um desvio sexual e um pecado da carne.

O livro *Restaurando a Identidade: Uma nova liberdade para homens e mulheres*¹⁵, de Bob Davies e Lori Rentzel, revela como se deu parte da interferência das religiões mais conservadoras no âmbito da homossexualidade. Os autores participaram ativamente de um grupo de apoio a homossexuais nos Estados Unidos chamado de *Amor em Ação*¹⁶ desde 1979. Ambos se declaram *ex-gays* e o livro é uma compilação de testemunhos de religiosos que deixaram a homossexualidade para seguir a sua fé em Deus. A obra, no entanto, tem como função principal guiar gays e lésbicas para a mudança em sua vida, se tornando heterossexuais.

Alguns padrões de pensamento podem ser percebidos ao longo do livro. O primeiro deles é a ideia de cura da homossexualidade que se torna mais fácil e possível através da fé cristã. O interessante do livro é que ele dialoga com estudos científicos para reafirmar a sua visão sobre gays e lésbicas. Os autores citam pesquisas que não confirmam a homossexualidade como natural e, portanto, concluem que é um estado de sexualidade momentânea.

Tanto as Escrituras e muita literatura secular fornecem evidências de que o homossexualismo, apesar de profundamente arraigado e habitualmente praticado, pode ser vencido – como estilo de vida e como identidade. (DAVIES, Bob; RENTZEL, Lori, 1997, p.13)

Na citação acima, um segundo ponto importante é revelado: a homossexualidade como estilo de vida. Tal qual um estilo punk ou hippie é algo passageiro, superável, algo que muda com o desenvolvimento da maturidade. A busca pela origem do desvio da sexualidade é apontada pelos autores como um primeiro passo para abandonar este estilo de vida. Na maioria dos testemunhos do livro, o padrão era o mesmo: para os homens é a inexistência de uma figura paterna forte ou o abuso sexual durante a infância ou adolescência, no caso do lesbianismo a história do abuso sexual se repete e é responsável por um ódio permanente a qualquer figura masculina, levando ao relacionamento com mulheres.

Discutindo um pouco mais sobre essa noção de *cura da homossexualidade*, para os religiosos, a cura está diretamente relacionada à libertação em Cristo. Deixar de ser homossexual é possível quando Deus permite esta libertação e, a partir de então, o indivíduo passa a viver livre do pecado. A socióloga Cecília Mariz explica essa noção de liberdade: “o conceito de liberdade pentecostal assim se reporta a uma submissão a Deus, ou seja, à sua regra e a seu plano”. O ascetismo moral presente nos puritanos que habitavam a Nova Inglaterra, aparece novamente na visão de fundamentalistas norte-americanos. É preciso ter uma vida sem pecados, sem promiscuidade, com uma sexualidade apenas depois do casamento e sem procurar conforto em relações sexuais desviantes. Isso significa ser livre, ser fiel a Deus e conquistar o espaço no Reino dos Céus. É interessante traçar um paralelo dessa noção de liberdade em Cristo com a noção de liberdade dos LGBTs e Feministas, enquanto a primeira visa a contenção sexual e o ascetismo, a segunda busca o direito de se revelar, de desejar, de se mostrar, de conquistar a igualdade e de ser livre das amarras morais impostas pela sociedade conservadora.

A partir da década de 80, a AIDS surgiu como uma verdadeira epidemia e atingiu, no primeiro momento, a população homossexual. Só na cidade de San Francisco, durante 15

anos, cerca de 15 mil homossexuais morreram em consequência do vírus¹⁸. A situação foi devastadora e o Movimento Gay precisou se reorganizar na prevenção, no combate ao preconceito e na desmitificação da doença. A epidemia serviu para endossar o posicionamento conservador de que Deus não abençoava a relação homossexual e a doença foi diretamente relacionada à homossexualidade. Julio Severo, evangélico brasileiro, defende que “Práticas sexuais dos homens homossexuais (...) estão fazendo espalhar uma variedade de parasitas, bactérias e vírus pela sociedade”. Marcelo Natividade ressalta que a AIDS foi considerada como um castigo de Deus para os homossexuais:

A imagem mais recorrente da articulação entre homossexualidade-impureza-contágio diz respeito à propagação da Aids, embora esta não seja a única doença sexualmente transmissível que os homossexuais “vivem a espalhar”. Assim, práticas homossexuais culminam no castigo de Deus. (NATIVIDADE, 2005, p.121)

A escatologia pré-milenarista¹⁹ dos Estados Unidos a partir da década 70, encontrou nos movimentos de direitos civis e de liberdade sexual um prato cheio para explicar a *crise* política e social que o país vivia. A retomada de uma interpretação literal dos textos bíblicos associando com o contexto da época, criou a ideia de que o mundo dos homens caminhava para o fim e que a volta de Cristo estava para acontecer. A criação do estado de Israel, a crise nos valores morais, a decadência da família patriarcal e os movimentos liberais de fins da década de 60 contribuíram para que uma literatura pré-milenarista ressurgisse e que a necessidade de participação política dos cristãos fundamentalistas se fizesse necessária para que a Nova Israel voltasse a ser a cidade sobre a colina dos tempos dos pais peregrinos²⁰.

Religiosos como Jerry Falwell, Pat Robertson, James Dobson, Franklin Graham, entre vários outros da nova direita cristã surgiram como alguns dos principais propagadores de ideais conservadores e como os principais críticos dos Movimentos LGBT's pós década de 80. A ideia comum presente em pregações, discursos, sermões e programas de rádio e televisão apresentados por eles revela a concordância sobre a necessidade de se voltar aos valores familiares.

Jerry Falwell, líder da Moral Majority, explica o abandono dos ideais fundadores da nação norte-americana como uma das maiores causas da crise. A família é, para ele, a base de sustentação da sociedade e partir dos movimentos feministas, da luta pela descriminalização do aborto, do movimento pelos direitos de gays, lésbicas, transexuais e travestis, bem como o aumento da liberdade sexual e de casais divorciados seriam as causas de um futuro abandono da nação por parte de Deus. Poucos dias após o ataque das torres gêmeas em 11 de setembro de 2001, Jerry Falwell chega a culpar estes movimentos pelo acontecido:

I really believe that the pagans, and the abortionists, and the feminists, and the gays and the lesbians who are actively trying to make that an alternative lifestyle, the ACLU, People For the American Way, all of them who have tried to secularize America. I point the finger in their face and say 'you helped this happen. (FALWELL, 2001)²¹

Falwell pede desculpas alguns dias depois e tenta explicar que não foi exatamente isso que quis dizer, mas o depoimento revela muito da visão que a nova direita cristã tem em relação aos grupos LGBTs. A sociedade americana foi fundada a partir de um pacto com Deus, tal qual Israel no Antigo Testamento da Bíblia. Para que a nação continue abençoada e progredindo é necessário que os valores religiosos sejam retomados. O movimento gay, assim como vários outros movimentos já citados, vai contra o ideal de família defendido por Jerry Falwell demonstrando que os valores familiares estão sendo deixados de lado. O ataque de 11 de setembro, assim como diversas *catástrofes* que aconteceram na história dos Estados Unidos são, portanto, um castigo de Deus pelo abandono dos valores fundacionais.

Pat Robertson usa dos mesmos argumentos de Jerry Falwell para defender que Deus irá deixar de proteger a nação se os rumos políticos e sociais não mudarem:

I think that right now God has planted this nation, He has loved it, prospered it, blessed it beyond measure. We have enshrined deviant sex into our constitution, we have enshrined the infanticide of young babies into our constitution, we have ruled consistently that our children can't pray and read the Bible in their schools, we have limited over and over again our expression of faith in God and God is saying 'I'm going to take down the wall of protection around this nation' unless something happens, and that's why we've got to pray. (ROBERTSON, 2012)²²

487

O posicionamento dos cristãos conservadores sobre as correntes teológicas liberais também é bastante crítica. Em diversos discursos, religiosos revelam que não há espaço para novas interpretações da Bíblia e que não há dúvidas sobre o que Deus pensa das relações entre pessoas do mesmo sexo. Franklin Graham, filho do famoso evangelista Billy Graham, deixa claro: "True Followers of Jesus cannot Endorse Same-Sex Marriage"²³. E acrescenta:

There are many things in Scripture that Christians disagree on, but the Bible is crystal clear about the sanctity of life and marriage. It is also clear that homosexuality is spelled out as sin—there are no ifs, ands or buts. (GRAHAM, 2014)²⁴

A questão da promiscuidade, das doenças e a explicação da origem da homossexualidade através de atos de abuso sexual na infância ou juventude são constantes nos discursos de membros fundamentalistas das igrejas. Outra associação que é feita com a homossexualidade é a pedofilia. Diversos membros de religiões conservadoras nos Estados

Unidos e em diversas partes do mundo revelam acreditar que o homossexual é propenso a atos de pedofilia. Justificam a não concordância com a adoção de crianças por casais do mesmo sexo, dizendo que essas crianças sofreriam maior risco de serem vítimas de abuso sexual ou têm maior chance de se tornarem homossexuais. Jim Schneider em seu programa *Voice of christian youth America's* ironiza os direitos igualitários para a população LGBT associando com a questão da pedofilia:

Multiple partners...what about foursomes? What about an adult who says, 'I want to marry this underage child. It's discriminatory — I love this child, this child loves me, why can we not be married, that's discriminatory.' The arguments they use...justifying same-sex marriage are the same arguments they're going to use to justify polygamy, threesomes, adult-child relationships.(SCHNEIDER, 2014)²⁵

O discurso escatológico nos Estados Unidos está muito presente atualmente nos programas de rádio da organização Focus On the Family. Fundada em 1977 por James Dobson, o programa hoje atinge milhões de pessoas diariamente e se concentra em questões relacionadas aos valores familiares. James Dobson revela muito das suas visões conservadoras e incentiva famílias a não aceitarem filhos homossexuais, a buscarem a cura, a não desistirem do casamento e manter a família unida dentro de uma educação cristã. A influência na política é um dos pontos importantes de James Dobson e recentemente ele deu declarações sobre decisões judiciais de aprovar o casamento entre pessoas do mesmo sexo:

Many influential men and women of the judiciary are leading us toward perdition. One of them is Judge Richard Posner, a federal judge sitting on the Seventh U.S. Circuit Court of Appeals. He became a hero of the pro-gay marriage community by helping to “discover” a provision in the Constitution that laid the foundation for legalizing same-sex marriage. (DOBSON, 2014)²⁶

James Dobson ainda revela, depois de contar a história de Sodoma e Gomorra, que os Estados Unidos está se desviando e como ele poderá se tornar igual a essas cidades do Antigo Testamento:

I am convinced that America and other Western Nations are sliding in the same direction. We have not yet reached the depravity of Sodom and Gomorrah, but that appears to be where we are headed.(DOBSON, 2014)²⁷

Após analisar discursos atuais de fundamentalistas norte-americanos, é possível perceber a permanência de argumentos que ganham força na década de 70 e continuam a ser usados até os dias de hoje. No entanto, é preciso destacar também que não podemos falar apenas de um único e mesmo discurso fundamentalista. Lendo trechos do livro de Bob Davies e Lori Rentzel e contrapondo, por exemplo, com a visão de Jerry Falwell, podemos falar de múltiplas abordagens fundamentalistas. É

importante compreender o fundamentalismo, corrente conservadora que surge no final do século XIX e início do XX nos Estados Unidos, como uma vertente que se divide em vários pensamentos ao longo do tempo, podendo então dizer *fundamentalismos* no lugar apenas de fundamentalismo.

Davies e Rentzel, ao contrário dos outros religiosos conservadores citados aqui, propõe uma integração dos(as) homossexuais dentro da instituição religiosa para que a partir de grupos de *apoio* eles possam mudar a sua orientação. Todos estes possuem em comum a visão pecaminosa de sexualidades que não acompanham o padrão heteronormativo, mas é perceptível que alguns fundamentalistas tentam uma abordagem mais inclusiva, enquanto outros se pautam por discursos de exclusão. Essa diferenciação se faz necessária, ainda que permaneça a homofobia em ambos os grupos, para que a nossa visão não se limite a apenas uma forma de agir dos fundamentalistas em relação aos homossexuais. Atualmente, é muito comum que igrejas conservadoras possuam grupos para *cura* de homossexuais, usando o rótulo de *grupos de apoio*, na intenção de convidar de forma mais suave esses grupos de gays, lésbicas, travestis e bissexuais a participarem e mudarem o seu *estilo de vida*. A intenção aqui não é suavizar a ação desses setores fundamentalistas que não compartilham certos discursos de ódio, é apenas ressaltar que a discussão se torna muito simplista e restrita quando colocamos todos sob uma mesma visão de fundamentalismo.

Considerações Finais

A análise dos estudos e dos discursos de religiosos sobre a homossexualidade durante o século XX permite observar os embates entre a direita cristã e os setores mais progressistas dos Estados Unidos. A disputa ideológica entre fundamentalistas e cristãos liberais revelam as diversas apropriações feitas do texto bíblico, bem como as novas interpretações que se modificam a partir do contexto histórico. Enquanto a Teologia Homossexual, Gay ou Queer tenta incorporar as demandas dos movimentos LGBTs, as igrejas de inspiração fundamentalista usam desses movimentos para justificar as diversas “crises” as quais a *América* se submete ou poderá se submeter no futuro.

Os discursos apresentados nesse trabalho mostram os aspectos em que a religião se insere na vida pública e privada, tomando para os outros valores que são próprios das suas religiões. A inserção do cristianismo na política nos Estados Unidos é algo que se percebe desde o puritanismo e permeia as discussões mais atuais sobre questões sociais. Questionam decisões judiciais, criticam os movimentos sociais, se colocam contra políticos progressistas e defendem a manutenção da educação cristã dentro da escola pública. O diálogo entre homossexualidade e fé ganha posições divergentes entre as leituras literais da bíblia e uma leitura adaptada a contemporaneidade. Enquanto a primeira busca criar grupos de apoio que

realizem a *cura* da homossexualidade, a segunda reinterpreta as passagens bíblicas e legitima a presença do homossexual dentro da comunidade cristã.

A homossexualidade, segundo a visão mais conservadora, é um estado passageiro. Para os fundamentalistas ninguém é homossexual, apenas está homossexual e voltará a sua condição *normal* de heterossexualidade assim que passar pelo processo de libertação. Esse processo necessita de um passo a passo, que começa com a aceitação do problema até, finalmente, o indivíduo encontrar um parceiro do sexo oposto, se casar e constituir uma perfeita família cristã. No livro de Lori Rentzel e Bob Davies, os autores explicam que a cura é um processo para toda a vida e que o risco de sofrer desvios da sexualidade é algo permanente. Por isso a importância de evitar contato com pessoas gays, bares alternativos e situações que façam com que a *cura* seja deixada de lado.

O grande problema dos Movimentos LGBTs para os membros da nova direita cristã é o desafio que eles realizam à noção de família tradicional. Os valores familiares constituem o principal ponto de defesa desses setores e admitir uma família com dois pais ou duas mães é algo absurdo para eles. Igualmente absurdo é pensar na questão da descriminalização do aborto, da possibilidade de adoção por casais homossexuais ou até mesmo a aceitação que algumas igrejas tem em relação aos gays, realizando até mesmo o casamento dentro da instituição.

Os discursos aqui apresentados demonstram vários tipo de argumentações que são utilizadas para defender ou criticar a inserção de homossexuais dentro da sociedade. Associações com abuso sexual, pedofilia, doença e até mesmo possessões demoníacas revelam as relações que são feitas com a homossexualidade. A ideia de castigo divino que irá acontecer se a nação norte-americana não reforçar os valores da família tradicional e negar direitos civis aos gays também demonstra o teor de parte desses discursos.

O trabalho, portanto, permitiu mostrar uma visão geral sobre os debates dentro e fora das igrejas acerca da homossexualidade, com enfoque voltado para as argumentações dos movimentos LGBTs e de religiosos fundamentalistas. Tanto nos Estados Unidos como em diversas outras nações, o discurso conservador é muito parecido e usa dos mesmos argumentos para demonizar determinados grupos sociais. No entanto, o mais importante é compreender o papel que as igrejas exercem tanto na vida pública quanto na vida privada e perceber os múltiplos discursos que permeiam a questão da homossexualidade dentro das religiões.

Notas:

1 - Em Gênesis 19, a Bíblia narra o episódio da destruição da cidade de Sodoma. Essa passagem é amplamente utilizada por setores fundamentalistas para condenar a relação homossexual. Os sodomitas, habitantes da cidade,

são narrados como praticantes dessas relações e, por isso, conservadores fazem uma ligação direta entre eles e os homossexuais.

2 - A organização *Mattachine Society* surge nos Estados Unidos nos anos 50 como parte dos movimentos homófilos. O grupo era formado majoritariamente por gays, ainda que também participassem da militância em defesa do direito e igualdade para lésbicas.

3 - A organização *Daughters of Bilitis* também surge na década de 50 nos Estados Unidos, mas é uma organização formada por mulheres lésbicas em busca de igualdade e garantia de direitos civis.

4 - É importante ressaltar que o uso do termo *LGBT* surge posteriormente. Apenas a partir da década de 90 que ele passa a ser amplamente utilizado representando uma luta conjunta de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

5 - A opção pelo uso do termo *gay* no lugar de um termo mais abrangente como o *LGBT* diz respeito ao contexto do Movimento de Liberação Gay. Nesse caso, bissexuais, lésbicas, transexuais e travestis também participam da luta por direitos LGBTs, mas não configuram a pauta principal desse movimento. O Movimento de Liberação Gay está mais centrado nas questões que se referem ao homossexual masculino.

6 - No Brasil, a ação de *coming out* ficou mais conhecida pelo termo *sair do armário*.

7 - O grupo ACT UP tem a sua primeira ação pública em maio de 1987 com um protesto em Wall Street contra companhias farmacêuticas. (SÁEZ, 2005, p. 68)

8 - A Queer Nation surge no verão de 1990, inspirados pelos ideais já propagados pelo ACT UP. (SÁEZ, 2005, p. 69)

9 - A Teoria Queer defende que existem múltiplas sexualidades que se constituem por diversos fatores sociais, não apenas por uma questão biológica. Portanto, as sexualidades não são divididas em somente heterossexual e homossexual, o masculino e o feminino estão, ainda, presente tanto em homens quanto mulheres. (MISKOLCI, 2012, p. 29)

10 - Em meio ao contexto de Guerra Fria e de *boom* do marxismo, os movimentos sociais da década de 60 e 70 operavam com a lógica da luta de classes. Eles identificavam um opressor e iniciavam a luta política. (MISKOLCI, 2012, p. 28)

11- *Vigiar e Punir* foi publicado pela primeira vez em 1975. Sobre o pensamento de Foucault, Javier Sáez explica: “Para Foucault el poder no es una entidad fija y vertical que se aplica sobre los ciudadanos desde lugares aislados y jerárquicos, sino una red de relaciones de discursos, prácticas, instituciones, que atraviesan todo el espacio social y a todos los sujetos de forma horizontal y permeable.” (SÁEZ, 2005, p. 73)

12- *Via(da)gens Teológicas* foi produzido como tese de doutorado da Escola Superior de Teologia em 2008.

13 - André Musskopf cita esse trecho de Robert Goss na página 126 de *Via(da)gens Teológicas*.

14 - Muskopf cita o caso do livro *Our Tribe* de Nancy Wilson na página 139 de *Via(da)gens teológicas*.

15- O livro foi publicado em 1997, mas traz relatos da experiência dos autores com o grupo *Love In Action* durante as décadas de 70 e 80.

16- O “Amor em Ação”, ou “Love In Action”, surgiu nos Estados Unidos na década de 70 e é composto por diversos ministérios gospel de ajuda aos homossexuais.

17- Citado por Marcelo Natividade no artigo “Homossexualidade, Gênero e Cura em perspectivas pastorais evangélicas”. p. 123.

18 - CASTELLS, Manuel. O poder da Identidade. p. 248.

19 - Segundo o historiador Daniel Rocha, a escatologia pré-milenarista pode ser compreendida como a crença de que o reino de mil anos previsto na bíblia acontecerá após o julgamento final com a volta de Jesus Cristo. Esse tipo de pensamento se tornou comum nos Estados Unidos em momentos de crise social, política ou moral.

20 - Um dos principais mitos fundacionais da República dos Estados Unidos, defende que o território dos norte-americanos foi a terra escolhida por Deus para se tornar uma Nova Israel, ou a Nova Terra Prometida. A ideia de *cidade sobre a colina* está associada com trechos do texto bíblico que os norte-americanos usam para nomear os Estados Unidos.

21 - Retirado do site de notícias online da CNN. Reportagem: “Falwell apologizes to gays, feminists, lesbians” de 14 de setembro de 2001.

22 - Retirado do site de notícias Right Wing Watch. Reportagem: “Robertson Warns God is about to “Take Down the Wall of Protection around this Nation”” do dia 10 de abril de 2012.

23 - Retirado do site de notícias online da CSN News. Reportagem: “Graham...True Followers of Jesus cannot Endorse Same-Sex Marriage” do dia 16 de maio de 2014.

24 - Idem.

25 - Retirado do site de notícias “Right Wing Watch”. Reportagem: “Religious Right Pundit: Marriage Equality Paves The Way For Adult-Child Marriages” de 29 de outubro de 2014.

26 - Retirado do site de notícias “Right Wing Watch”. “James Dobson: God Will Destroy America For Legalizing ‘Sexual Perversion’” de 27 de outubro de 2014.

27 - Idem.

Referências Bibliográficas

- DAVIES, Bob & RENTZEL, Lori. Restaurando a Identidade: Uma nova liberdade para homens e mulheres. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.
- CASTELLS, Manuel. O poder da Identidade. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terraz, 1999.
- NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, Gênero e Cura em perspectivas pastorais evangélicas. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 21 n°. 61. 2006.
- NATIVIDADE, Marcelo. O combate da castidade: autonomia e exercício da sexualidade entre homens evangélicos com práticas homossexuais. Debates do NER, Porto Alegre, Ano 8, N. 12, p. 79-106, 2007.
- NATIVIDADE, Marcelo & OLIVEIRA, Leandro. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores.
- NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 30(2): 90-121, 2010.
- MUSSKOPF, André Sidnei. Via(da)gens Teológicas: Itinerários para uma Teologia Queer no Brasil. São Leopoldo. 2008.
- MISKOLCI, Richard. Origens históricas da Teoria Queer. *In Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. p. 21-34. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, 2012.
- SÁEZ, Javier. El contexto sociopolítico de surgimiento de la teoría queer. De la crisis del sida a Foucault. *In David Córdoba, Javier Sáez & Paco Vidarte (orgs.), Teoría Queer: Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas*, Madrid, Egales, 67-76.
- ROCHA, Daniel. Os fundamentos de um reino milenar: expectativas milenaristas e engajamento político na história do fundamentalismo religioso norte-americano. Fronteiras, Dourados, MS, v. 12, n. 21, p. 203-225, 2010.